

# Divididos, governadores preferem não se expor

FORTALEZA  
AGENCIA ESTADO

A exceção do governador Epitácio Cafeteira (MA), que não compareceu nem mandou representante, todos os governadores do Nordeste se reuniram ontem na capital cearense para tratar de um tema comum: a seca. Mas todos admitiram, na entrada da garagem do Palácio do Cambaíba, que, onde se reúnem políticos, se conversa sobre política. Nessa linguagem, pelo menos, os governadores não parecem estar bastante afinados: enquanto Tarcísio Buriti, da Paraíba, vê artificialismo na crise política, outros acham que ela é real; ao mesmo tempo que Fernando Collor, de Alagoas, defende eleição para presidente no ano que vem e até anuncia seu candidato, outros optam pelo princípio inscrito na Constituição ou mesmo pela preferência do presidente Sarney. Para Tasso Jereissati, antifitriação do encontro, essas questões políticas perdem em importância para outras, "mais sérias", como a seca — tema da reunião com o ministro do Interior, João Alves. O governador de Minas Gerais não foi falar de seca; em seu lugar esteve a vice-governadora Júlia Coutinho.

Tarcísio Buriti, da Paraíba, disse não acreditar que o governo de Sarney tenha "o seu mandato ao sabor

da conjuntura. Se o governo é bom, teremos saudades dele; se é ruim, temos de ficar com ele até o fim, e se for mais ou menos, claro que teremos de permanecer com ele até o fim". O governador ressaltou que "isso é um risco da própria democracia". O que não é possível, em sua opinião, "é mudar a cada passo o governo por força da conjuntura, diminuir ou aumentar um mandato. Passa a ser uma brincadeira, uma coisa puramente emocional que vai atender — e está atendendo — mais aos apetites e aos interesses de grupos políticos interessados em outras coisas". Buriti acha que a grande crise, "a crise que realmente preocupa", é a econômica. "Boa parte da crise política é artificial, propositalmente provocada por políticos com outros objetivos. O exemplo está aí, nesses candidatos forçando a barra."

O governador da Paraíba foi enfático ao negar-se a participar de qualquer reunião de governadores ou de políticos que se proponha a discutir o problema do mandato. "A minha posição é única e irreversível: sou pela obediência à Constituição. Questão de redução do mandato do presidente de seis para cinco anos é um problema que só o presidente pode responder."

225O governador Fernando Collor, de Alagoas, discordou com a po-

sição de seu colega paraibano. "Lamento não concordar com as suas colocações, pois a crise política que vejo não foi criada artificialmente. Ela existe em todos os setores — político, empresarial — com consequências graves para o povo." Ele disse ter ficado muito contente com a reunião anterior, promovida pelo governador Moreira Franco, na qual foi defendida eleição direta, para o próximo ano. "O meu candidato já existe: é o senador Mário Covas."

O governador Alberto Silva, do Piauí, também discordou que a crise política seja artificial, produzida por candidatos a candidato à Presidência. Acha também que no "Congresso muitos deixaram de discutir assuntos sérios, para dedicar as suas atenções a temas como sistema de governo, tempo de mandato do presidente e outros temas de menor importância."

O governador Waldir Pires, no entanto, diz que "a Constituinte deve decidir o mais rapidamente, com a sua soberania, o tempo de mandato do presidente da República". Desmentindo ser "presidenciável", ele negou a missão de pressionar seus colegas governadores nordestinos para conseguir a unanimidade de quatro anos para o presidente Sarney.